



Para Lopes, nada mais se pode fazer pela economia neste semestre

Francisco Lopes defende programa contra recessão

Belo Horizonte — O economista Francisco Lopes, ex-assessor do Ministério do Planejamento, defendeu ontem, em Belo Horizonte durante palestra a funcionários da Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig), a necessidade de o governo brasileiro adotar rapidamente um programa econômico consistente, que possa garantir o nível de investimentos e reverter o processo recessivo vivido pelo país, antes que ele atinja a mesma magnitude da recessão de 1981.

Francisco Lopes admitiu que a conjunção de fatores recessivos existentes atualmente no país leva a se esperar uma taxa de crescimento reduzido este ano, mas esta taxa pode ainda ser positiva, desde que o governo tenha capacidade para fazer um programa que possa suavizar a crise. "O primeiro semestre já está perdido. Agora, tudo vai depender do que acontecer na política econômica do governo daqui para a frente, para salvar o segundo semestre", afirmou Lopes.

Um dos pais do Cruzado, Francisco Lopes defende também a necessidade de um programa consistente, vigoroso, para negociação da dívida externa junto ao Fundo Monetário Internacional e demais organismos. "Infelizmente, o Brasil se viu na condição de negociar a dívida externa exatamente num quadro de recessão e após o fracasso do Plano Cruzado", observou.

Maior risco

Ele acredita que o governo adotou uma "tática de negociação", ao optar pela suspensão do pagamento dos juros da dívida, numa jogada que "aumentou o risco da negociação". Para Francisco Lopes, o presidente José Sarney, ao ir à televisão anunciar que não vai pagar os juros, reduziu a margem de manobra.

"Já fizemos isso em 1985, sem tornar a coisa oficial. Poderíamos conversar com os banqueiros internacionais e explicar-lhes a situação", afirmou.

Ele afasta a possibilidade de adoção de uma moratória permanente, por entender que esta decisão significaria levar o país a uma recessão mais profunda este ano. "O rompimento com o sistema financeiro internacional pode significar o adiamento, por uma década, para a normalização das relações", salientou Lopes, recordando o exemplo do Peru, que decretou moratória e, agora, está preparando um programa para viver nos próximos 10 anos sem crédito e sem acesso a financiamento. "A moratória é uma decisão de alto risco. É fundamental que a negociação seja feita com competência e haja um programa consistente para estabilizar a nossa economia", explicou.

Segundo ele, a aceleração muito rápida da inflação foi o agente deflagrador do processo recessivo. Lopes acredita que a economia brasileira vive atualmente a primeira etapa da recessão, que é a queda de venda, e prevê para os próximos meses uma queda na produção e o aumento do desemprego, se o governo não conseguir produzir um programa que seja um "arcabouço da estabilidade" e se não adotar uma "política monetária consistente".

Francisco Lopes fez uma autocrítica do "Cruzado", ao afirmar que o seu maior problema foi ser mal preparado. Acredita que em junho ou julho — "com três ou quatro meses de existência do Plano Cruzado" — o governo já deveria ter liberado os preços, para que a inflação ficasse entre 50 a 100% ao ano (cerca de 5% ao mês), reconhecendo, que naquele momento, o Plano Cruzado não deu certo para uma inflação inferior a 20%.

"Ninguém no governo fez esta proposta, mesmo porque ninguém teve condição psicológica para isso, devido a fase de total euforia", reconheceu Lopes.